



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE TRÂNSITO, TRANSPORTE E ATIVIDADE ECONÔMICA

PRESIDENTE: SENIVAL MOURA

1ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO PL 127/23

LOCAL: Associação Comercial da Penha - Av. Gabriela Mistral, 199

DATA: 08 DE MAIO DE 2023

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Senhoras e senhores, boa noite a todos.

Em nome do Presidente da Comissão de Trânsito, Transporte e Atividade Econômica, Senival Moura, declaro abertos os trabalhos da 1ª audiência pública de 2023 - aqui na Penha - relacionado ao PL 127/2023, de autoria do Executivo - Prefeito Ricardo Nunes, que dispõe sobre a revisão intermediária do Plano Diretor Estratégico do município de São Paulo, aprovado pela lei 16.050, de 31 de julho de 2014, nos termos da previsão do seu artigo 4º.

Informo que essa reunião está sendo transmitida, ao vivo, por meio do endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online, e também pelo YouTube no canal da TV Câmara São Paulo, no Facebook da Câmara Municipal de São Paulo e também pela TV Câmara, canais 8 e 3.

A audiência pública foi publicada no *Diário Oficial da Cidade* desde o dia 28 de abril de 2023 e também publicada nos jornais de grande circulação, *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo*.

Houve vários convites. Aliás, está lotado o auditório, lotadíssimo. Colocamos 110 cadeiras e há gente em pé ainda. Então, a gente fica muito feliz com essa participação popular. Há membros da sociedade organizada da Penha, especialmente, como Cangaíba, Vila Matilde, Artur Alvim e toda a zona Leste. Membros dessa sociedade civil organizada foram convidados e a população em geral também.

Há duas coisas importantes desde já. Eu vou formar a mesa a, a partir desse momento, há inscrições abertas para quem quiser se manifestar. São sete horas e dezoito minutos. Nós vamos estabelecer um limite, até às 21h, a reunião. Vão se inscrevendo. O tempo de fala dos convidados é de três minutos. Parece que é pouco, mas as pessoas chegam aqui e falam tudo em um minuto. Para uma dúvida, um problema ou uma sugestão geralmente a gente dá em um ou dois minutos. O resto é um tempo que a gente não precisaria ocupar. Geralmente a exceção é feito à Mesa, porque a gente trouxe um técnico de SMU, da Secretaria de Licenciamento e Urbanismo, que fará as explanações.

Então, alguma entidade que queira fazer inscrição, levanta a mão e venha aqui.

Então, a partir disso, eu já vou fazer a formação da mesa. É claro que eu não vou deixar de chamar aqui prestigiando o meu querido amigo, que vem aqui nos acompanhar hoje, trazendo a sua experiência, o Vereador Gilson Barreto. Por favor, Gilson, venha e sente-se ao meu lado aqui, Vereador. (Palmas) Também chamo aqui o Subprefeito da Penha, Flávio Sol. Por favor. (Palmas) E vou pedir para vir aqui também o Thalles Moraes, arquiteto que representa hoje a Secretaria de Licenciamento e Urbanismo, que vai fazer a explanação para a gente. Thalles, fique à vontade, por favor. (Palmas) E eu também vou chamar já à gratidão aqui à Associação Comercial da Penha, que enviou aqui o seu diretor superintendente e, na pessoa do Roberto Pires, a quem convido para formar a mesa conosco. Vem cá, Roberto, por favor. Faço um agradecimento, por ceder os espaços aqui da Ação Comercial, que aliás está muito bonita. (Palmas) Parabéns. Muito bonita. Está linda mesmo.

Eu vou pedir, antes de mais nada... Eu quero fazer uso da palavra, mas acho que já vou passar para você Thalles, para gente entender um pouco, né? A partir de onde você faz?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) - Dali? Então vou pedir para o Thalles já fazer a apresentação, mas antes, vou anunciando algumas presenças. Em primeiro lugar, como eles são uma dupla de palmeirenses com corinthiano, apresentar já de cara os representantes do Clube Esportivo da Penha: o atual Presidente Picone, palmeirense Picone, e o corinthiano Afonsinho. O Afonsinho andou sumido, mas o dia que meteram o pau no Remo, ele apareceu. Afonsinho, bem-vindo, Picone também, ambos representando o Clube Esportivo da Penha, com grande tradição tanto na Penha quanto na cidade de São Paulo.

Do Mercado Municipal, está aí o Administrador Fernando, cadê o Fernando? (Pausa) Quem? Nélon? Perdão, o Gilson está me falando que o Fernando é da Vila Formosa. Então, da Vila Formosa, o Fernando. Onde está o Fernando? (Pausa) Seja bem-vindo. E do Mercado da Penha, o Nélon. Cadê o Nélon? (Pausa) Meu companheiro de rede social, bem-vindo.

Representando o Secretário de Transporte Ricardo Teixeira, a Kátia Giovannini. Cadê a Kátia? (Pausa) Bem-vinda, obrigado.

Quem mais está aqui? (Pausa) Representando a OAB da Penha Dr. Marcelo Paiva.
Onde está? Seja bem-vindo, Marcelo, obrigado.

Vou pedir então que já se faça a apresentação, agradecendo a presença de todos da sociedade civil, e à medida que forem chegando mais pessoas, por favor, se identifiquem para que vamos anunciando, aliás, representando a Casa Civil, o Isaac Neco, bem-vindo.

Thalles, por gentileza, então, senhores, ele vai explicar um pouco o que é esse Plano Diretor Estratégico, importantíssimo para o desenvolvimento da cidade de São Paulo. E, no caso, hoje, o que nos interessa, o desenvolvimento da Penha.

Quando eu falo Penha, parece que é só Penha. Mas, não é só, é também Penha, mas Cangaíba, Vila Matilde, essa região no entorno da Penha. Importantíssimo para a região esse projeto, por isso chamei vocês aqui. Queremos ouvir vocês, além de passar o que é o projeto. Obrigado, com a palavra o Thalles.

O SR. THALLES MORAES - Boa noite a todos e a todas, em nome da SMU cumprimento a toda a Mesa pelo nome do Vereador João Jorge.

Vou pedir ao Renato que inicie a apresentação, por favor.

- Orador refere-se à apresentação audiovisual.

O SR. THALLES MORAES - A apresentação inicia-se com a Introdução - a parte do sumário -, uma Linha do Tempo, o Processo Participativo e o Projeto de Lei.

Seguinte. A Revisão Intermediária, na verdade, visou o aprimoramento com a realização de ajustes e dispositivos do Plano Diretor para alcançar os objetivos e as diretrizes até 2029. Ela ocorreu de forma participativa em três etapas, bem como se deu de forma sucessiva, possibilitando o necessário aprofundamento das análises técnicas de elaboração e proposta do projeto, encaminhado ao Legislativo.

Aqui, na Linha do Tempo, temos, a partir de abril de 2022, o monitoramento e o diagnóstico do Plano Diretor, ele se deu a partir dos canais de participação com Oficinas, com o Participe+, com as Audiências Públicas. Na Etapa II, em setembro de 2022, o Relatório de Escopo da Revisão do Plano Diretor, elaborado pela equipe de Planurb, na Secretaria de

Urbanismo e Licenciamento. Na Etapa III, que se deu em janeiro de 2023, a partir dos relatórios temáticos e da minuta prévia do projeto de lei enviado à Câmara Municipal.

Por favor, a próxima. A Etapa III, projeto participativo, ela se deu a partir de 20 atividades participativas, compreendendo uma consulta pública em meio eletrônico, o Participe+, como já foi dito; formulários eletrônicos, e três audiências públicas presenciais e virtuais; debates em 16 conselhos municipais, totalizando 4.388 contribuições sistematizadas e analisadas.

A Etapa III do gráfico, acaba sintetizando as maiores dentre as temáticas: Áreas Verdes, Eixos de Estruturação da Transformação Urbana, o Sistema Municipal de Planejamento, os Instrumentos de Ordenamento e Reestruturação; Instrumentos de Gestão Ambiental. Dentre todas essas elencadas na apresentação a que obteve maior número de contribuições foram as áreas verdes e também referente ao Quadro VII.

O projeto de lei é resultado de uma combinação entre as contribuições da população no processo participativo e a avaliação técnica e jurídica pelas equipes de SMU. Com essa interlocução e com as demais setoriais da Prefeitura e, ao todo, o projeto de lei possui 75 artigos, dividido em 12 capítulos.

Apresentamos na forma de um funil, tivemos o primeiro diagnóstico do Plano Diretor, o escopo da revisão, a análise técnica com o trabalho intersetorial, a liberação da minuta - a versão preliminar - do projeto de lei e, definitivamente, a versão efetiva que foi enviado à Câmara Municipal.

Nesse slide, ficou dividido, na própria estrutura do Plano Diretor, a partir das áreas de abrangência Conceitos e Princípios, temos Dos Princípios Objetivos, que são cinco títulos, dentre eles, como já foi dito, De Ordenação Territorial, Da Política dos Sistemas Urbanos Ambientais, a Gestão Democrática e o Sistema Municipal de Planejamento Urbano, e as Disposições Finais e Transitórias.

Seguindo com a minuta do projeto, então houve propostas referentes às mudanças climáticas, às ZEIS, HIS e HMP, ZEPEC, aos eixos, aos instrumentos indutores da função social da propriedade, entre outros.

Por favor o próximo. As disposições preliminares, alguém pode indagar referente à rede hídrica ambiental e nós estamos numa Comissão de Transportes, então, se nós atentarmos para o último item, mesmo tendo essa atualização da rede hídrica ambiental, incluindo as águas subterrâneas, e abrangendo o conjunto de parques e unidades de conservação, nesse último item, houve a inclusão para promoção e articulação, com o Governo Estadual, de estratégias e mecanismos para implantação de sistema hidroviário.

Referente aos Eixos de Estruturação da Transformação Urbana: eles são definidos por elementos estruturais do Sistema de Transporte Coletivo de média e alta capacidade, existentes e planejados, eles determinam a área de influência e potencialmente aptas ao adensamento construtivo e populacional ao uso misto.

Dentro dos Eixos de Estruturação da Transformação Urbana, esse texto estabelece um prazo de até 2024 para elaboração dos PIUs Arco Leste e Arco Tietê. O Arco Leste engloba o centro da Penha.

A definição dos critérios para alteração dos eixos em eventual revisão da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo quando do traçado original da infraestrutura. Então, a atualização do mapa 9 por conta da implantação de modais e transportes diversos dos originalmente propostos.

O próximo é sobre a alteração na quantidade de vagas consideradas não computáveis para empreendimentos residenciais e mistos. Então, uma vaga computável para unidade habitacional com área computável maior do que 30 metros quadrados. E, a cada 60 m² de área construída computável de uso residencial, descontado o somatório de unidades habitacionais com menos de 30 metros quadrados de área computável e áreas ocupadas por vagas.

Da política do sistema de mobilidade, a inclusão em previsão de elaboração do Plano Municipal de Rotas Acessíveis. Isso se deu de forma participativa com apreciação pelo órgão colegiado municipal de acessibilidade e inclusão e previsão da elaboração do Plano Municipal Hidroviário de forma participativa também. Que ele considere e compatibilize os Planos

Municipais de Mobilidade Urbana, Saneamento Ambiental Integrado e de Drenagem e Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos.

Finalizando, atualização do mapa 8, das ações prioritárias na rede viária estrutural, conforme as informações de SIURB e CET. E, atualização do mapa 9, das ações prioritárias na rede de transporte público coletivo, conforme informações da SMT, SPTrans, STM do Estado, metrô e EMTU.

Então, é isso. Agradeço imensamente a presença de todos e todas.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Thalles.

Quero anunciar também a presença do Sr. Armênio, Secretário-adjunto de SMUL, Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Esta é a secretaria responsável pela elaboração do PDE, que é o Plano Diretor Estratégico. Eu não sabia, Armênio, mas o Thalles anunciou que foram mais de quatro mil contribuições e opiniões analisadas e levadas em consideração para elaboração por parte do Executivo deste projeto de lei, que agora a Câmara está ouvindo a sociedade porque vamos votar. O Prefeito mandou para Câmara e vamos votar. Obviamente, que vamos mexer.

Convidei meu amigo Marcos Gadelho para esta audiência. Ele falou que não conseguiria comparecer, mas que iria mandar um representante, o principal dele lá que é o Secretário-adjunto Armênio.

O Armênio vai fazer o uso da palavra agora e vai falar um pouco do Plano Diretor também antes de abrir a palavra para as pessoas se manifestarem.

O SR. JOSÉ ARMÊNIO DE BRITO CRUZ – Obrigado, João, boa noite. Boa noite, Subprefeito da Penha. Cumprimento todos os presentes também. Agradeço o convite.

Primeiro, peço desculpas por ter chegado atrasado. Foi difícil sair lá do escritório. Estava saindo e dois me pegaram no corredor e me atrasaram o suficiente para atrasar esses 15 minutos, mas eu queria vir e o Gadelho me pediu muito. Ele falou: “Zé, passa lá na Penha hoje porque é importante essa audiência para discussão desse projeto de revisão intermediária do Plano Diretor.”

O Thalles, nosso camarada lá na secretaria, morador da região, por isso que foi escalado para vir à Penha. Estamos espalhados pela cidade inteira. Ele apresentou muito bem tecnicamente.

Resumidamente, o que estamos propondo no Plano Diretor? Mas quero falar rapidinho, sem gastar muito tempo do pessoal. Então, é o seguinte, o Plano Diretor é uma lei. Temos um Plano Diretor que foi aprovado em 2014. Esse Plano Diretor aprovado em 2014 deu diretrizes para a cidade de São Paulo. Que tipo de diretrizes? A cidade vai continuar se espalhando e ocupando até onde conseguir ocupar?

O Plano Diretor de 2014 falou: “não”. Vamos segurar a cidade e vamos fazer a cidade ficar mais densa. Por que ficar mais densa? Para ficar mais justa e não colocar uma turma morando lá longe para vir trabalhar aqui perto. Então, o planejamento urbano, que é o que nós trabalhamos lá em SMUL, trabalha isto: a proximidade da residência com o trabalho. Como que as pessoas chegam ao trabalho? Como é que as pessoas chegam à residência? Tem uma via de transporte boa para chegar lá? Isso é o que o planejamento urbano faz. Então, o Plano Diretor de 2014 mudou um pouquinho essa visão de cidade. O mundo inteiro está fazendo isso. Não é só a gente, não.

A sustentabilidade ambiental para o desenvolvimento urbano prevê o adensamento da cidade, prevê a moradia perto do trabalho. Tem um verbete que se fala muito hoje no desenvolvimento urbano no mundo que é a cidade de 15 minutos. Você não gasta mais do que 15 minutos para ir aonde você tem que ir, seja trabalhar, seja comprar, seja estudar, seja morar. Essa é a cidade que a gente quer.

O Plano Diretor colocou essas diretrizes. Vamos nesta direção. Então, temos que segurar o que se chama de espraiamento da cidade, que essa coisa de ficar cada vez mais botando gente mais longe e daí vai indo lá longe e depois demora três horas para chegar ao emprego. Não. Não é essa cidade que a gente quer.

A gente quer uma cidade que exponha e desenvolva as benesses da cidade para todo mundo de uma maneira igualitária. Isso é a cidade mais justa. Então, cidade mais justa é

todo mundo poder chegar ao emprego mais rápido. Era bom todo mundo ter emprego também, mas isso não é uma questão urbana. A cidade mais justa faz a criança poder sair de casa e ir à escola pertinho da casa. Essa é a cidade que a gente quer e foi essa cidade que a Câmara votou em 2014.

Na votação de 2014 tinha o artigo 4. O artigo 4 previa que, em 2021, a cidade faria um projeto de lei para uma revisão intermediária. Essa revisão intermediária deveria corrigir alguns desvios de rota que aconteceram desde 14, durante esses sete primeiros anos. Esse Plano Diretor votado em 2014 vale até 2029. Então, foi o que nós fizemos.

O Thalles bem descreveu, a partir de um monitoramento - que isso a gente tem lá na secretaria - que é o seguinte: o que estão aprovando na cidade? Onde estão aprovando? A gente sabe aonde é que estão e a gente consegue, a partir desse monitoramento, fazer um diagnóstico. Ah, olha, o Plano Diretor previa que houvesse habitação perto dos corredores de transporte público. Fomos ver e não estava exatamente acontecendo isso. Então, tinha que reforçar essa questão que é colocar a pessoa morando perto do transporte público. Para quê? Para evitar carro, para evitar trânsito, essas coisas que são essa conversa de quem planeja a cidade.

Então, era um momento de correção de rotas, das diretrizes e também dos instrumentos que viabilizam essas diretrizes. Por exemplo, vocês devem ter ouvido falar, isso foi até capa da *Veja* uns 15 dias atrás. Os pequenos apartamentos - os estúdios - que começaram a construir sem parar e tal. Isso não é previsto. O estúdio, necessariamente, não é o tal adensamento que o Plano Diretor previa, porque não é gente morando. É Airbnb, é gente passando um tempo. Não é o desenvolvimento da cidade justa que a gente queria.

Então, o que é? Neste momento, João, colocamos, por exemplo, a área mínima de apartamento que tem direito a vaga, porque percebemos também, no diagnóstico, as pessoas construírem os apartamentinhos para terem vaga de carro no prédio do apartamento maior, porque na outra vaga tinha de pagar mais e a vaga do apartamentinho era gratuita. Então, nós colocamos a área mínima de 30 metros quadrados porque este é o adensamento. Em 30 metros quadrados, segundo a Caixa Econômica e segundo Governo do Estado, dá para morar uma

família. E, a partir daí, podemos caminhar para o tal adensamento da cidade mais justa, disponibilizando as benesses da cidade para todo mundo e não só para um pequeno grupo. Isso é um exemplo de um ajuste que fizemos. Não tinha isso. Não tinha área mínima. Agora, com essa área mínima, você pode construir um apartamentinho. Quer construir? Constrói, mas paga a vaga que você vai construir lá embaixo, porque antes, o que tinham falado era o seguinte: o apartamentinho era construído e ainda ganhava uma vaga. O que a pessoa fazia? Pegava a vaga e botava para o apartamento maior do prédio, fazia um *pool* de vagas. Então, não estava atendendo a diretriz do adensamento da cidade.

Também têm questões de instrumento, que são questões como, por exemplo, a dos corredores. Mas, aí, é uma questão técnica que o planejamento do corredor estava aqui e, na hora em que foi fazer o corredor, teve de desviar um pouquinho para cá. Como é que faz? Isso mexe zoneamento, muda zona ou não muda? Então, nós precisávamos falar sobre isso, como ficaria. Então, o Plano Diretor regra que, dentro da área do corredor, você pode mexer o corredor um pouquinho para cá ou um pouquinho para lá. Não é mexer muito. É mexer um pouquinho. E daí, depois, quando o mapa de zoneamento acontecer, ele faz o ajuste necessário.

Então, são questões desse tipo que eu peço até desculpas, mas que não estão... Eu estou procurando linkar o Plano Diretor com a nossa vida no dia a dia, porque está ligado, não é tão longe, apesar de ser uma lei que parece que está lá em cima. É difícil, às vezes, de traduzirmos, porque está perto de nós. Mas se começarmos a pensar em uma cidade mais densa... Porque é importante dizer isso: uma cidade custa. O transporte público custa. Levar transporte público custa para todo mundo, para cada um, até para quem não usa o transporte público. Custa dinheiro. E, na hora em que você consegue fazer uma ocupação mais sustentável, mais racional desse espaço da cidade – e que é isso o que estamos procurando com esses pequenos ajustes neste Plano Diretor... Não é um novo Plano Diretor. São ajustes que nós estamos fazendo neste Plano Diretor que a Câmara votou em 2014.

Existem questões de uma transferência de direito construtivo para parques, para zonas de proteção ambiental, para zona cultural e de patrimônio. Por exemplo, o Quadro 7, do

Plano Diretor, coloca os parques, que são parques que podem receber recurso nessa transferência do direito de construção, e estava velho, esse Quadro 7. A Secretaria do Verde fez um *scan* em todos os parques da cidade – acho que eram 157, não me lembro agora do número exato -, e um monte tinha virado parque estadual. Ou seja, não tinham mais nada a ver conosco, eram do estado. Outros, tinham virado parque linear. Então, nós tivemos que tirar um, botar outro, tirar um. Então, a conta foi a seguinte: saíram 19 por causa disso e não porque de tirar um parque de algum lugar. Mas saíram 19, que viraram estaduais ou parques lineares, e entraram 12, que eram reivindicações. Estão, ali, listados no Quadro 7 quais são. Então, são ajustes desse tipo que foram feitos.

Nós estamos à disposição de vocês, em SMUL. O Gadelho e eu trabalhamos muito perto. Entregamos, há quase um mês, para a Câmara de Vereadores, este projeto de lei que vai ser votado. Têm algumas perspectivas que já estão na Câmara para serem votadas há tempo e que se envolvem aqui com vocês e que, daí, é mais legal. Legal que eu digo é mais próximo da nossa vida. Deve ir logo para a Câmara, mas ainda não está lá - estamos acabando de desenvolver na Secretaria –, o Arco Leste. É um projeto de um pedaço da cidade aqui, para o lado da zona Leste, e que deve chegar lá, na Câmara logo, para pensarmos isso em uma outra escala, que é a escala mais do chão, da nossa vida. Mas eu acho que o planejamento urbano é uma coisa legal, e toda e qualquer contribuição que vocês derem... Não precisa entender de planejamento urbano. Acho que falar da linha de Metrô que vai chegar aqui, na Penha, é importante, porque isso está contemplado no Plano Diretor. A ponte que hoje está com problema, mas que vai alimentar com o corredor... Isso tudo já está no Plano Diretor, enquanto obra que vai ser feita e que a cidade tem de prever essas obras para poder desenvolver.

Então, eu quis fazer essa introdução do que é o Plano Diretor e do que nós fizemos na revisão intermediária. Fico aqui, com vocês, mais um pouco para ouvir as sugestões de vocês.

Agradeço, Jorge, novamente a oportunidade de estar aqui, porque é o momento que temos de expor para quem mora na cidade. É importante este momento de ouvir vocês, de falar para vocês o que nós pensamos. Estamos à disposição.

Muito obrigado pela oportunidade. Continuo aqui com a turma. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Secretário. É bom saber que tem gente competente e técnicos que se dedicam a estudar a cidade de São Paulo.

Marcos Gusmão, Arquiteto, venha sentar conosco aqui. Marquinhos representa, nesta reunião, o Presidente da Câmara, Vereador Milton Leite, que é um técnico, é um craque também em Urbanismo e está estudando.

Pessoal, eu me lembro de uma reunião, Picone, no ano passado, em que você nos chamou para discutir um pouco. Foi o pessoal da Associação Comercial; o Roberto estava lá; o Marcelo, da OAB estava lá. Uma série de entidades lá no Clube Esportivo da Penha. Eu não sei se faz um ano já, mais ou menos, que tivemos aquela reunião. Foi aquilo que me motivou, inclusive, Picone - e graças a você, que mobilizou cada reunião -, a fazer esta audiência pública aqui, na Penha, hoje. Isso porque eu me lembro que várias entidades aqui – OAB, Rotary, Lions, e muitas aqui eu vou anunciando conforme a reunião for rolando -, que vocês diziam que o subprefeito está cuidando bem da Penha. O próprio Prefeito Ricardo Nunes fala, elogia o trabalho do Flávio Sol. O Secretário de Subprefeituras, Alexandre Modonezi, também elogia. Mas o que me foi dito naquele dia? Que não basta só tapar buraco. Não basta só corrigir a iluminação, como você vem corrigindo a iluminação aqui, Flávio; lutando bravamente para eliminar as enchentes. Naquele dia, eles disseram o seguinte, que a Penha precisa crescer. E nós estamos vendo aqui, o Tatuapé desenvolvendo. Nós estamos vendo Anália Franco desenvolvendo. Eu moro na Mooca. Mooca desenvolvendo. Vila Prudente desenvolvendo. Carrão desenvolvendo. E o pessoal da Penha reclama muito, reclama que, aqui, as condições de crescimento e desenvolvimento não estão dadas. Então, a razão desta reunião aqui, hoje, é pensar nesse desenvolvimento, é pensar na Penha um pouco além, um pouco mais à frente.

Então, como fazemos isso? É pelo Plano Diretor. As pessoas vão se comunicar, vão falar, vão apresentar os seus questionamentos, as suas opiniões, sobretudo sugestões. Nós vamos anotar e levar depois tanto para a Secretaria como para a Câmara. Pode ser no Plano Diretor, como pode ser no Zoneamento. Pode ser em um PIU, em um Arco Leste. Eu já estava

aqui pensando em um Arco da região da Penha. Mas se vier alguma coisa da Leste, que é um pouco mais abrangente que a Penha, ótimo. Mas queremos pensar um pouco, claramente, no desenvolvimento e crescimento da Penha. O pessoal reclama que não pode construir isso, não pode fazer aquilo, tem tombamento, destombamento, temos Metrô, temos trem, temos a Radial Leste, a Marginal Tietê, e há dificuldade de acesso, acreditam? As pessoas reclamam de pouco acesso para entrar e sair do bairro.

Então, queremos discutir mais profundamente a Penha. Hoje é uma abertura desse processo, que não para no Plano Diretor, vai além disso, vai no zoneamento, nos arcos e leis que tenhamos de apresentar na Câmara.

Antes de dar a palavra para os demais da Mesa, vamos começar a ouvir as pessoas que se inscreveram. Antes, quero agradecer a presença dos empresários, comerciantes, o Cleber que está aqui representando; Sebrae Tatuapé, o Moisés presente; do Conseg São Jorge, Rogério Felix Martins; da Revista City Penha, a Vânia e o Paulinho; da Gazeta Penhense, o Eugênio, mais conhecido por Geninho; do Memorial Penha de França, Francisco Folco, e ONGs, associações, entidades do mercado, já agradeço, além do Nelson, está aí também o José do Mercado da Penha; do Rotary Vila Matilde, Joice, Helena, Andreza, muito obrigado pela presença; CADES Penha, Josineide presente; Senac Penha, o Diretor João Alexandre.

O primeiro inscrito, Ivanildo França, Líder Comunitário, tem a palavra.

O SR. IVANILDO FRANÇA – Boa noite a todos, meu nome é Ivanildo França, sou Líder Comunitário, Bacharel em Direito, morador do bairro do Cangaíba, desde 2005.

Achei pertinente a fala do Vereador, do Secretário também, mas a questão do desenvolvimento da região. O Cangaíba é um distrito que pertence à Subprefeitura da Penha, o maior, em termos de população, do território, e o mais vulnerável em tudo. Esse tudo quero explicar aqui, exemplo, o Cangaíba não tem uma loja das Casas Bahia, Magazine Luiza, o McDonald's, como o Ermelino conseguiu ali na Av. São Miguel.

Equipamentos do Estado no nosso território, em Cangaíba, uma AME, ou tenho de ir para o Maria Zélia ou lá para Itaquera. Bom Prato, Centro Integrado de Cidadania ou

Poupatempo. Na questão da segurança, o Cangaíba tem direito a uma delegacia, a 61ª DP, que tem o decreto 33.829, de 1991, onde consta essa 61ª DP. O Conseg Penha cansou de debater esse assunto e o bairro é vulnerável. Da Curva do S para cima, tem de ir para a 24ª, da Curva do S para baixo, na 10ª, ciente de que as atuais gestões dessas delegacias trabalham com resiliência para atender a população de Cangaíba.

Avançando na área da saúde, UPA 3, não temos; CAPS Infantil, não temos; Unidade de Referência de Saúde do Idoso, não temos; hospital, não temos. Em termos de saúde temos só sete equipamentos no bairro, um CAPS, AMA e UBS, só. É pouco, precisamos de mais. Tivemos uma pandemia que escancarou a vulnerabilidade das pessoas.

Na área da assistência, foi prometido um CRAS para o Cangaíba. A atual unidade do SASE, querem impor que é um CRAS, não é. O SASE, pela portaria 54, é assistência social à família só, atende um determinado território, que é da Jacira Artacho, na divisa com a Olavo Egídio. Então, o lado de lá da Igreja Bom Jesus está amparado pelo SASE, mas o lado de cá, o lado par da Cangaíba para baixo, você tem de ir ao CRAS Penha, muitas vezes não tem vaga, você tem de marcar no Descomplica, olha a dificuldade da nossa população.

O ILPI para idoso, também não temos na nossa região. Um consultório de rua para a população em situação de rua, que com a pandemia aumentou. Já tem uma equipe de abordagem social no território, mas essa equipe precisa de um consultório de rua. O consultório de rua do Aricanduva que vem cobrir aqui, a região também precisa.

Na área de transporte, nobre Vereador, sei que meu tempo está acabando, precisamos de uma linha intermunicipal que vá do Cangaíba para Guarulhos, não temos. A população de Cangaíba sofre para arrumar emprego em Guarulhos, quem mora em Ermelino, São Miguel, consegue, tem esse direito. E uma linha intermunicipal, no horário de pico, para São Miguel, para desafogar. A região da Boturussu, uma linha para o Parque Dom Pedro, o povo não tem.

E na questão do trânsito, para encerrar, a Ponte Ermelino Cumbica, precisa da duplicação, é importante.

Muito obrigado. Boa noite a todos.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado. Vou aproveitar e apresentar minha Chefe de Gabinete, a Fátima. Fica em pé, por favor, Fátima. Eu tenho uma mulher como Chefe de Gabinete, olha que luxo.

O Ivanildo, talvez, a maioria do que ele apresentou não tenha relação direta com o Plano Diretor, mas é muito importante para o desenvolvimento da região. Depois você passa isso como demanda sua para a minha Chefe de Gabinete, por favor, algumas delas temos condições de acompanhar e até de resolver. Obrigado.

Deixa aproveitar e anunciar o Israel, que está me acompanhando, é meu filho, foi candidato a Deputado Estadual, está aqui comigo. Fica em pé, é meu filho. Não é todo dia que temos um filho acompanhando, então, tenho de aproveitar.

Está aqui também, lá do gabinete do Secretário de SMUL, o Ricardo Tupã, bem-vindo, Ricardo. Do CEU Tiquatira, a Gestora Marta, bem-vinda, obrigado.

O próximo a fazer uso da palavra, Osni Pandori, Coordenador do Conselho Participativo.

O SR. OSNI PANDORI – Boa noite a todos, à Mesa, falamos de Plano Diretor, falando sobre transporte, sobre trânsito e sobre atividade econômica.

Então, vemos, principalmente sobre trânsito e sobre licenciamento, vemos um prédio, 1.457 moradias na Marginal, não tem uma linha de ônibus. Então, a proposta de SMUL é maravilhosa, 15 minutos; 15 minutos não dá para sair do prédio para chegar na Gabriela Mistral. Então, bem-vindos à Penha, quem não conhece, pela Marginal só tem uma entrada, que é por baixo de uma ponte. Ou você vem pela outra rua, que também é por debaixo de uma ponte.

Então, em questão de revisão seria interessante - e essa é a contribuição - não haver uma revisão, mas solucionar os problemas que foram feitos ou que deixaram de ser feitos lá atrás. Hoje, para sair da Assis Ribeiro e chegar à Penha, é meia hora. Então, vai contra ao que o nosso Secretário falou de 15 minutos, rapidinho, para ter uma mobilidade. Não existe isso. Agora, com esse viaduto que está com problema, piorou um pouquinho mais.

Então, houve falha de deixar a construção daquelas moradias ali, talvez. Em uma fala dos bombeiros, da última reunião que tivemos sobre saúde, ele comentou sobre essas moradias, se pega fogo como pegou, ainda bem que não morreu ninguém, mas os bombeiros não conseguem chegar.

Então, os planos que estão sendo feitos em questão de moradia, não estão contemplando aquilo que é uma realidade. Por isso, bem-vindos à Penha, porque a Penha é diferente de tudo quanto é lugar. E precisamos realmente pensar que a Penha é diferente. A Penha é um lugar exclusivo, diferente, que só conseguimos chegar por baixo de pontes.

Sobre atividade econômica, que é importante, gostaria... Vou entregar ao nosso Prefeito Regional Flávio Sol, a nossa contribuição. Eu estou coordenador do conselho participativo. E, na nossa posse, o nosso prefeito destinou uma verba de 200 milhões, a serem destinadas pelo conselho participativo para a indicação de obras em cada distrito. E o conselho participativo chegou a uma conclusão: entregar ao Sr. Flávio Sol a nossa contribuição, que é exatamente um *todos pela Penha*, para que consigamos movimentar o comércio.

Nós não precisamos talvez de mais moradias, nós precisamos de gente fazendo, estando na Penha, contribuindo para a Penha. Não adianta ter prédios, e o pessoal ir consumir no Tatuapé, na Mooca, em outro lugar; nós não precisamos disso. Nós precisamos realmente é de consumo na Penha. E ela sempre foi histórica.

Indicamos essa verba de seis milhões para ser utilizada na restauração do Largo do Rosário; na primeira casa de alvenaria da Penha, que está abandonada; no Pontilhão da Penha, que estamos trabalhando para que seja um portal – para que a pessoa que entre na Zona Leste e conheça a Penha. Então, essa verba que o conselho participativo, do qual estou representante, está oferecendo, Flávio Sol – Modonezi não está aí, mas vou entregar; você, por favor, depois, assina –, esses seis milhões, é para serem investidos na Penha, para termos um comércio.

Estamos fazendo um trabalho junto com o Sebrae, com o Senac, com a Casa Civil, que também se prontificou a colaborar, para fazermos um trabalho com os comerciantes, porque precisamos realmente ter atividade econômica – porque hoje infelizmente está devagar.

Agradeço. Obrigado. Boa noite.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – O próximo a fazer uso da palavra é o Sr. Júlio Aparecido Lizardo, presidente da Associação Quatro Irmãos, da Vila Nanci.

Antes, porém, passo a palavra ao Vereador Gilson Barreto, o nosso decano.

O SR. GILSON BARRETO – Boa noite a todos e a todas.

Não é só você tem que o privilégio de o filho estar acompanhando; eu estou com o Gilson Barreto Júnior, que é da Associação Comercial do Tatuapé, do Rotary e de algumas atividades.

Faço uma saudação à imprensa, às entidades e à Mesa.

Desculpe, eu não vou citar o nome de todo mundo, mas esse moço aqui tem trabalhado muito.

Nós tivemos uma reunião na sexta-feira com o Sr. Presidente. Foram duas horas de reunião. E nós, que somos da Zona Leste, fizemos exatamente essa defesa: o desenvolvimento da Zona Leste, investimento de imediato.

A Prefeitura, hoje, tem dinheiro – 32 bilhões em caixa. Nunca teve tanto dinheiro; graças aos Vereadores que conduziram a isso. Só com o Campo de Marte, que uma parte entregamos ao Governo Federal, nós deixamos de recolher 354 milhões por mês para pagar juros.

Quero mandar um abraço ao Gadelho, ao Milton Leite.

O Gadelho esteve na nossa audiência pública no sábado; fez uma exposição e nos colocou bem a respeito do Plano Diretor.

Eu fui o “presidente” do Plano Diretor em 2014.

Recebemos muita pressão para restringir e deixar a cidade um pouco presa, como o caso do Armênio. Mas, assim mesmo, com o trabalho dos Vereadores, ainda começou a desenvolver.

Nós temos o Plano Diretor e a Lei do Zoneamento.

No Plano Diretor, se escreve tudo que queremos para a cidade. Ou seja, temos que

ver o que temos e o que queremos. Essa é a visão. E tudo que precisa acontecer tem que escrever. O negócio das garagens, por exemplo: tem que escrever que, a cada 30 metros, a mais ou a menos. É que a filosofia da época era a seguinte: quem estiver no corredor vai pegar ônibus, metrô, não precisa de garagem; vai construir sem garagem. Essa foi a filosofia daquele momento, em 2014. Então, o que precisamos saber hoje? Nós queremos isso ou nós queremos uma garagem em cada apartamento?

Foram criados os eixos estruturais urbanos. No nosso caso, que somos da Zona Leste, toda a Zona Leste foi “Zona de Eixo Urbano”.

Aí vem uma tal de proteção ambiental, a ZEPAM. Ou seja, em outras palavras, só vai poder colocar ZEU, ou seja, construir prédios altos, quando houver alguma melhoria na região. Por exemplo, passou o metrô, perde o ZEPAM, passa a ser ZEU.

Isso é um pouco confuso. É preciso dar um direcionamento a respeito disso.

E o que na realidade interessa a muitos, principalmente às pessoas, é a Lei de Zoneamento, que está aí – vocês vão fazer duas audiências públicas. E até o fim do mês, ela chega à Câmara, se não me engano. Já está publicado. Porque também não pode aprovar o Plano Diretor sem ver a questão do zoneamento, porque um está interligado ao outro – ao menos na minha concepção.

Falamos: “Ah, precisa criar emprego para a região”. Aí, cria-se uma área industrial, como aquela região de Itaquera, do Pêssego, e depois começam a vir leis – “Não, mas ali só pode ter prestação de serviço”, “Temos que pegar uma parte para construir habitação popular”. Fica aquela colcha de retalhos.

Fizemos uma audiência pública em Itaquera. Foi um choro total.

Nós precisamos ver o seguinte: nós queremos mais verde? Nós queremos mais prédios construídos? Vamos deixar que construam um esqueleto de cento e tantos metros de altura e, depois, o vizinho só pode construir 28 metros – que é o ZMa? É isso que nós queremos? Ou nós queremos uma pirâmide com um prédio mais alto, e, depois, vai reduzindo? Tudo isso é no Plano Diretor que nós temos que ver, ligado também ao zoneamento.

Eu sei que eu, o João, todos nós, o Sol, quando chegar a Lei de Zoneamento, todos nós vamos ser procurados para resolver questões. É uma realidade, porque tudo acontece no parlamento. Não adianta, conversa, desconversa, mas o que vale é a lei. E o parlamento, bom ou ruim, não importa, eu e o João, sejamos bons ou ruins, fomos eleitos e estamos lá para representá-los.

Esta audiência está aqui porque o João exigiu que fosse feita aqui. Eu também pedi – fiz Itaquera, São Mateus, Mooca. Eu sou presidente de uma comissão e tive direito a cinco. É porque a maioria das audiências estão sendo feitas dentro do parlamento. E como é que você sai daqui hoje para ir para o centro da cidade?

Então, eu quero parabenizá-lo, você e o Sol, por ter trazido essa reunião aqui. É isso que tem que acontecer.

Em 2014, nós fizemos 46 audiências públicas. Até em Marsilac fomos fazer audiências públicas. É isso.

Claro, o foco, aqui, essas reuniões que vocês só querem fazer para discutir a Penha, realmente. Mas eu acho que o fórum pode colocar aqui como exposição, mas não é o assunto adequado. O assunto adequado agora é dizer o que nós temos e o que nós queremos. Se fosse para reivindicar, a segunda pista do Aricanduva, da Ponte Aricanduva, que é um século para fazer.

Nós fizemos um projeto de lei, que é o chamado Jacu-Pêssego, para reestruturar toda a Cidade, inclusive passou lá por vocês, e nós aprovamos que a maioria das ruas vai passar para 20m, a Jacu-Pêssego vai ficar com 100m de largura, hoje tem 40m, vai aumentar mais 30m de cada lado. Celso Garcia também entrou naquele projeto, que já existem projetos. E tantos outros que eu sei que vão ser comentados aqui já estão contemplados... Vê meu tempo aí. Já estão contemplados no projeto...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. GILSON BARRETO – (Risos) Desculpe aí. Mas é isso, gente. Mas claro que a gente tem uma oportunidade dessas, a gente quer expressar o dia a dia, algum momento. A

OAB aqui, eu sou da OAB Penha. (Risos) Então é isso. E tenham certeza, João Jorge é meu Líder da minha Bancada do PSDB na Câmara Municipal, tem administrado com maestria e nós queremos colocar à disposição, tenham certeza, o João, eu, se vocês precisarem depois encaminhar qualquer coisa aí, nós estamos às ordens, está bom?

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Gilson.

Antes do Júlio, quero anunciar representantes da Maçonaria; Loja Maçônica Penha de França 393, o representante é Dorival Pergoni Júnior. Obrigado pela presença. Gilsinho, obrigado pela presença. E, antes de passar, eu não tive esse privilégio de escolher cinco reuniões, viu, Gilson? Eu não tive esse privilégio de escolher cinco audiências. Eu tive direito a uma e escolhi fazer na Penha. (Palmas)

O SR. GILSON BARRETO – Eu não escolhi a Penha porque sabia que ele ia escolher. (Risos)

O SR. JÚLIO APARECIDO LISARDO – Boa noite a todos, à Mesa. Vim trazer dois temas. Eu sou Júlio, Presidente da Associação Quatro Irmãos da Vila Nancy, venho representar o terceiro setor, que é das creches conveniadas. Nós estamos com problema no transporte e na segurança. Eu venho até discutindo com a minha supervisora Carol diretamente sobre esse problema.

O que acontece? O TEG está com uma demanda muito alta, nós sabemos que é complicado, é difícil, só que os pais vêm reclamando demais com a gente, vira e mexe estão vindo reclamar que não estão conseguindo cadastro, não está tendo demanda para aquela local, que é mil metros, que dá 1km, e eles estão com essa dificuldade, estão reclamando sempre lá (ininteligível) levando isso em pauta.

Sobre a segurança, conforme a situação atual que nós vivemos hoje, com as tragédias acontecendo nas creches, nas escolas, estamos tendo muita dificuldade, muita desistência de crianças, as crianças estão desistindo, os pais estão desistindo de levar para as creches. E eu venho discutindo diretamente com a minha supervisora.

São dois temas que eu venho trazer, que está bem difícil para a nossa comunidade da região da zona Leste, da própria Penha, está complicado.

É só isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Júlio. Próximo orador, José Francisco Folco – é assim que fala? -, Memorial Penha de França. Por favor.

O SR. JOSÉ FRANCISCO FOLCO – Boa noite a todos. Boa noite à Mesa.

O Memorial Penha de França participou de forma voluntária, em 2004, do levantamento do patrimônio histórico da Penha visando ao tombamento, muito criticado nos dias de hoje. Eu queria lembrar aos penhenses, que sempre colocam a Mooca e o Tatuapé como referência, que no Tatuapé, que é um exemplo de modernidade, ainda tem a Praça Silvío Romero, a famosa Padaria Lisboa, a padaria mais antiga de São Paulo, tem a Vera Cruz, a Coelho Lisboa com todo seu comércio. Lá está também o Jardim Anália Franco era um lixão, não sei se alguém se lembra. Há o convento das freiras, que o Mitsuo está ocupando hoje, preservou. Há o CERET, a Biblioteca do Tatuapé, naquele estilo modernista. Ou seja, o Tatuapé para crescer como cresceu, ocupou as vagas deixadas pelas indústrias, o Tatuapé era um bairro industrial, e pelo lixão.

A nossa preocupação é que aqui na Penha querem destruir o nosso patrimônio, deixar o lixão, destruir a nossa história e o lixão continuar.

O entorno da Penha está cheio de favelas. Quando se fala em moradias de 30m², a gente tem uma série de problemas sociais no entorno da Penha, coisa que nunca teve. Por qualquer entrada que você chegar na Penha, vai passar por uma favela, passa por uma degradação do ambiente. Quem está pagando o pato disso? O que está preservado?

Gente, quem está de olho no centro histórico da Penha são as empreiteiras que vão construir prédios populares. O perigo é a gente transformar o centro da Penha numa Cohab. Vocês conhecem a Cohab. Eu trabalhei com a Cohab, não tem comércio, não tem nada. A pessoa tem de pegar um carro para ir numa padaria.

O favelamento da região está nas ruas. Para dar uma ideia, a Avenida Penha de

França tinha um McDonald. Vocês conhecem alguma história em algum lugar do mundo de um McDonald abrir e fechar? Conseguiu fechar o McDonald na Avenida Penha de França porque o pessoal não aguentava mais os pedintes que entravam na porta.

A Penha está totalmente entregue aos favelados. Desculpe a expressão. Mas é assim, você anda pela rua na Penha de França só tem gente pedindo.

Dá um contraste muito grande entre o centro histórico da Penha com o *shopping*. Nós temos um *shopping* maravilhoso que tem uma Kopenhagen, uma churrascaria... como é o nome?

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

O SR. JOSÉ FRANCISCO FOLCO - Você tem um conflito do que está dentro do *shopping* com o que está fora. Você toma um café no Largo do Rosário olhando aquela paisagem, gente, vocês só vão ver isso na Itália. O patrimônio histórico da Penha é riquíssimo que pode trazer muita gente para cá.

Para quem não sabe, a Rua Dr. João Ribeiro, acho que todos conhecem, tem o poste no meio da calçada, porque aquela rua é mais antiga que a eletricidade. O único trajeto da antiga São Paulo-Rio que ficou é na João Ribeiro que ainda preserva a característica original, por onde passaram D. Pedro I e D. Pedro II. O Largo do Rosário manteve ainda como está.

Voltando agora à questão dos transportes.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Concluindo, por favor.

O SR. JOSÉ FRANCISCO FOLCO - Os meus pais, meus avós, eu e minha esposa todos nós trabalhamos e moramos na Penha. A partir das minhas filhas, não. Está faltando também aqui é se ter onde trabalhar. Isso vai ajudar bastante a questão do transporte público. Hoje tem um sujeito que mora na Cohab e trabalha em Alphaville. Ele não tem condição de ter moradia em Alphaville, tem que morar na Cohab.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Francisco.

O SR. JOSÉ FRANCISCO FOLCO - Obrigado. Desculpe passar um pouquinho do tempo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Não tem problema.

Essa questão que o José Francisco levantou é o grande desafio. Alguém falou que o Secretário falou em 15 minutos, esse é o nosso objetivo. É quase uma utopia, mas esse é o objetivo, a gente ter o emprego perto de casa para se movimentar menos pela cidade.

A próxima oradora é a Sra. Cacilda Pinheiro, moradora do bairro, depois é o Sr. Luiz Carlos Picone.

A SRA. CACILDA PINHEIRO – Boa noite à mesa, boa noite Vereador João Jorge, Gilson Barreto, nosso Subprefeito Flavio Ricardo Sol. Agradeço a todos e ao nosso Superintendente Roberto Pires.

Eu sou penhense, me considero. Vim pequena para cá e já tem décadas que eu moro aqui. Fui diretora de escola, hoje aposentada. Fui Presidente do Conseg e sempre participo de reuniões da associação, da OAB Penha e quero agradecer o convite para estar aqui.

A minha pergunta é: porque a Penha é tão abandonada? Não temos prédios. Nós precisamos de gente morando, de população. Um prédio que tem aqui construído, cinco andares, ninguém quer morar. As pessoas que têm mais aquisição vão para o Tatuapé, Mooca. Não temos mais incentivos para morar aqui. É ruim para nós. A Penha de França, quantas lojas foram fechadas? Converso com comerciantes da Rua Padre João, antiga rua das noivas, não tem mais nada. Os comerciantes com quem converso falam: vou mudar daqui. Nós não temos prédios. Amigos construtores querem construir prédios? Falam: Cacilda, oito andares, cinco andares? Não vou perder meu tempo. Gostaria de saber, não é só desse Plano anterior, há anos, o que está acontecendo? Essa minha reivindicação. Muito obrigada! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) - Cacilda esse é o desafio. Quando o Picone me chamou, era para isso. Estudar o desenvolvimento da Penha. Pensar na Penha. Você tem toda razão.

Passar a palavra ao Sr. Luiz Carlos Picone de Araújo, Presidente do Clube Desportivo da Penha.

O SR. LUIZ CARLOS PICONE DE ARAÚJO - Boa noite senhoras e senhores

presentes. É uma alegria estar aqui hoje, Vereador João Jorge, Vereador Gilson Barreto, Roberto, Subprefeito Flavio Sol e toda a mesa. Hoje estamos fazendo história. Estamos dizendo sim a sociedade organizada que quer o bem da cidade de São Paulo, do bairro da Penha e da zona Leste. Nós somos zona Leste raiz e o bairro da Penha não é diferente. Nós somos isso e tudo que nós falamos, podemos divergir um dos outros, mas queremos o bem do bairro e o bem do bairro não quer dizer, em hipótese alguma, que nós não queremos preservar nossa tradição. A nossa história, a Basílica da Penha, nada disso! Nós queremos preservar tudo isso, mas nós temos que crescer. Talvez nós sejamos o único bairro da cidade de São Paulo que involuiu. Involuímos. O que aconteceu conosco é uma coisa impressionante. Nós tínhamos no entorno do bairro, na área expandida do bairro da Penha 10% de tudo que se vendia, na cidade São Paulo no comércio de rua, era aqui. Hoje não temos nada. Há 67 eu nasci no Hospital da Penha. Hoje nós não temos mais o Hospital da Penha. Esse hospital chegou até fazer cirurgias cardíacas de alto nível. Não temos o Hospital da Penha. Todos trabalhávamos na região da Penha. Trabalhávamos e morávamos. Era isso que a gente queria. Armênio, era isso que nós queríamos. Hoje, nós não conseguimos fixar o morador no bairro. Sabem por que? Acabaram os clientes. Acabaram os negócios. O empreendedor sumiu. O mercado da Penha era um dos lugares que todo mundo queria vir. Hoje estão as moscas. Associação Comercial briga, Viva Penha briga, Clube Desportivo da Penha também faz isso. Na realidade o que está acontecendo e hoje queremos dizer por que viemos aqui. Hoje, numa noite de segunda-feira, homens e mulheres interessados, divergindo ou não, mas de crescimento.

O que está acontecendo conosco? Nós necessitamos trazer empreendimentos para o bairro. Nós não estamos conseguindo trazer esse empreendimento. Antes, sabe o que era o Jardim Anália Franco e Tatuapé? A grande Penha. Essa é que era a verdade e hoje... O que está acontecendo conosco? Nós somos o único bairro da cidade que não cresce, até bairros próximos a nós crescem mais do que nós.

Portanto, quero dizer para vocês que nós estamos aqui pensando em fixar novamente o penhense no seu bairro, trazendo emprego e renda que hoje não está trazendo.

Então isso aqui atrapalha todos os empreendimentos, nós precisamos urgentemente mudar a lei de zoneamento, sim, mudar o tombamento, sim, mas sem perder a essência histórica do nosso bairro e nós podemos fazer as duas coisas. Não são excludentes, mas nós achamos que é, e não é. Nós podemos crescer, empreender, trazer negócios. Nós temos sim, Vereador Gilson Barreto, que criar no Viaduto Aricanduva, e é uma reivindicação, uma alça e pelo menos a duplicação, nós temos que sair direto na Radial Leste, sim, porque tínhamos essa saída, hoje não temos, partimos do Centro.

Então, veja, usando o meu tempo sem expandir, o que nós queremos, inclusive deixarei na mão do Subprefeito, Flávio, essa reivindicação, é crescer, manter a história, empreender e fixar o penhense no seu bairro, mas sem perder a nossa essência. Era, portanto, a minha observação.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Muito bem, se você for candidato a Vereador eu voto em você, muito bom, é isso aí, obrigado.

As inscrições estão encerradas, a gente ainda tem mais oito inscritos, mas o Subprefeito vai fazer uso da palavra, ele precisa falar um pouco também. Então, as inscrições estão encerradas. Próxima oradora é Dalva de Souza, Conselheira Tutelar, minha xará de sobrenome.

A SRA. DALVA DE SOUZA – Boa noite a todos, boa noite à Mesa. Roberto, é um prazer revê-lo. Deus abençoe vocês, Deus abençoe nós todos. Eu fico ouvindo, vou muito rápido aqui para usar o meu tempo, certo? Todas as nossas angústias, os nossos quereres de melhoria para o nosso bairro. Eu cheguei em São Paulo em 1970 e fui morar no Cangaíba. Do Cangaíba eu fui para um bairro chamado Jardim Castelo, que é um buraco que fica ali na Engenheiro Goulart, onde nós tínhamos lá um castelinho, por isso o nome. E quando eu me dei conta já estavam construídas cinco torres, ou quatro torres ali.

Mas, na verdade, o que eu vim aqui falar é que moro na Comunidade da Caixa D'água. Não tenho vergonha nenhuma de falar isso, me orgulho de morar lá, porque é lá que a gente consegue fazer um trabalho social, e lá nós conseguimos enxergar a dificuldade do

trabalhador, que é colocada aqui. A dificuldade, hoje, eu nem falo de transporte público, porque nós temos transporte público na porta de casa, graças a Deus, temos escolas públicas ao nosso redor. E, às vezes, a gente enxerga a comunidade, ou favela, como se diz, como lugar onde se fabricam bandidos e não é, me perdoem, não é. Lá tem muitas famílias, muita gente trabalhadora, gente que faz o bairro crescer e trabalha muito para esse crescimento.

Então hoje eu venho trazer aqui, na verdade, o Flávio é um Subprefeito que, todas as vezes que nós procuramos o Subprefeito, ele esteve presente no nosso bairro, atendeu as nossas reivindicações. Não tenho o que falar do Flávio, somente que a gente vem pedindo há algum tempo, e vou repetir: nós precisamos de um ecoponto. Os descartes de lixo, não dos moradores da favela, e sim das pessoas que moram em outros lugares, é feito na favela, porque lá parece que não tem gente morando e sim bichos, e não é assim. Me perdoem, lá é feito o descarte e nós fotografamos os carros, a gente sabe de onde vem, vem até do município de Guarulhos descartar na nossa porta, onde se juntam ratos, baratas, se junta tudo, é essa a nossa briga.

Estou aqui com uma comerciante lá do bairro, fiz questão de trazê-la. É um bairro que cresceu muito, nós temos muito comércio lá, Vereadores. O Roberto conhece bem. O que eu venho pedir? Pelo amor Deus, nós precisamos de um ecoponto do nosso lado. Nós já apresentamos, conversamos com o Flávio a respeito disso. Nós temos o espaço, nós só precisamos que faça. Na minha porta tem seis lixeiras, onde é descartado não só o lixo dos moradores, gente. É uma guerra para nós tirarmos aquela lixeira de lá. Lá é descartado por um bairro inteiro. Pelo bairro do Cangaíba, por gente da Penha, por gente de Guarulhos, por gente de São Miguel. Me perdoem, mas é uma realidade. Porque eu tenho essa facilidade de levantar as placas dos carros e sabem de onde vêm. Nós, por brigas nossas, somos ameaçados de morte, porque nós queríamos proibir o descarte de lixo. Nós somos ameaçados de sermos agredidos por querer proibir o descarte de lixo. Já pensou se eu pego um caminhão e vou depositar na sua porta?

Estourei o meu tempo, mas era isso o que eu tinha para falar, Vereador João Jorge,

Prefeito, Flávio e todos da Mesa. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Dalva. Nós vamos insistir aqui no carro, que me passaram aqui que era Honda, mas é um Sentra. Sentra que marca é? (Pausa) Nissan. Placa FDH8292. Talvez não seja daqui, Marilza. Sentra Prata. Isaac, da Secretaria da Casa Civil, tem a palavra.

O SR. ISAAC DE OLIVEIRA NECO – Boa noite a todos. Gostaria de saudar, nesta audiência, o Vereador João Jorge, o nosso Subprefeito Flávio Sol, o nosso Vereador Gilson Barreto e toda a Mesa. É muito bom estar aqui. Venho trazer uma saudação, um abraço do nosso Secretário Fabrício Cobra, da Casa Civil, e do Prefeito Ricardo Nunes. O Secretário não pôde estar presente, mas me pediu que viesse acompanhar esta audiência pública. Agora, também, parece que ele me escalou para ficar aqui na Penha, Flávio. Vamos ficar um pouco mais por aqui para acompanhar um pouco as relações institucionais com a sociedade. Estamos à disposição.

Estou anotando tudo, estou muito atento a todos os pedidos. Parabéns a todos vocês. A Subprefeitura só sabe o que está acontecendo se vocês se manifestarem. O trabalho que está sendo feito aqui na Sub da Penha é um trabalho grandioso, isso a gente está vendo. A gente sai e vê que em qualquer rua da Penha tem um pessoal trabalhando, da zeladoria. Estamos atentos a todas essas demandas para levar também para SMUL.

Mando um abraço para o Secretário Modonezi e para o Gadelho e agradeço a oportunidade de estar aqui. Vereadores, contem conosco, contem com a Casa Civil. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Isaac. Próximo orador, Geraldo de Paiva, representando o Conselho Federal de Educadores e Pedagogos.

Anuncio a presença do Sr. Rodrigo Massa, Presidente da Associação Viva a Penha. Obrigada, Rodrigo.

O SR. GERALDO DE PAIVA – Boa noite, Vereador João Jorge. Boa noite, Vereador Gilson. Boa noite, Subprefeito. Boa noite a todos da Mesa e a todos os presentes, irmãos e amigos.

Estou como presidente do Conselho Federal de Educadores e Pedagogos. Fui agraciado pelo convite a comparecer. Sou comerciante na região, tenho escola de educação infantil, ensino fundamental e médio. Tenho também uma instituição pela qual nós temos prestado serviços junto à comunidade através das conveniadas com a Prefeitura de São Paulo, inclusive numa das unidades que está bem próxima à comunidade onde pegou fogo, próximo aqui da Penha, Kampala.

O que acontece? Nós temos um problema muito grave, que as professoras me reclamam e solicitam apoio das autoridades, no sentido de estacionamentos. Todos se preocupam com a verticalização, com a construção de prédios. Quando nós falamos de mobilidade urbana, nós nos preocupamos também com parte de estacionamentos, estacionamentos próximos às escolas e próximos às creches. Por quê? Porque o professor não tem local para estacionar o seu veículo e agora estão construindo umas unidades com 19 apartamentos, que são conhecidos como estúdios, que estão sendo liberados.

Nós temos aqui, na Vila Matilde, algumas torres altas sendo construídas. Estão preocupados com as construções verticalizadas e estão se esquecendo do que há embaixo, do que é preciso para a comunidade. Nós não temos uma praça digna. Nós não temos aqui também um local de passeio. Eu vou dar um exemplo: Na Anália Franco, nós temos lá um clube, um espaço público muito bom, que nós não temos aqui na Penha. Quando alguém quer alguma coisa na Penha, tem que recorrer ao clube da Penha, do qual inclusive nós fazemos parte. Falo do Colégio Dom Bosco, na Vila Matilde.

Então, estão construindo algumas torres, mas estão se esquecendo de preparar essas torres, para que tenham o estacionamento do veículo. Então, essa dificuldade os professores estão tendo até nas vicinais, nas ruas vicinais, onde há a preparação. E há a demarcação, às vezes, da rua, mas não se preocupam com os veículos das pessoas, que têm que estacionar.

Então, constroem um prédio, como foi falado. Construíram agora, em frente à unidade nossa inclusive, com 26 andares, mas não há local para estacionamento para um pai

que queira estacionar um carro ou levar seu filho à escola e, muitas vezes, ter acesso ao metrô.

Então, eu acho de muita importância que essa reunião prospere e que nós consigamos. Sou morador aqui da Penha também, na Santo Afonso. Nós nos preocupamos sim com a mobilidade na Penha, porque está uma vergonha sair da Marginal. Está um caos. Vindo da cidade, não há condições para falar: “Estou indo para casa.” Quer dizer, você não tem previsão. A previsibilidade de chegada é difícil.

Agradeço, Vereador João Jorge, agradeço a todos. Obrigado a todos vocês. E parabéns pela iniciativa. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado.

Tem a palavra o Sr. Paulo Aguiar, Paulinho, da revista CityPenha, renomada aqui da região.

O SR. PAULO AGUIAR – Boa noite a todos, Boa noite, Vereador, Flávio, Roberto, Gilson e todo mundo. O que eu queria falar muito rapidamente é corroborar um pouco praticamente com o que todo mundo falou. Eu acho que o Picone foi muito feliz em dizer que existem divergências de opiniões, mas todos nós queremos o progresso do nosso bairro.

A gente tem essa dificuldade. Se nós não tivermos o pessoal morando, o pessoal vivendo aqui, nós também não vamos conseguir ter desenvolvimento econômico. Você não vai ter comércio funcionando e não vai ter restaurante. O pessoal reclama aqui: “Eu quero comer uma coisa. Tenho que ir ao Tatuapé, porque não há um restaurante bom na Penha.” E não vai haver, enquanto a gente não conseguir manter as pessoas aqui. O sonho dos quinze minutos é sensacional, mas se houver isso. Eu só gero emprego se eu conseguir ter consumidor no local. Eu acho que é sensacional a ideia de a gente conseguir transformar o Largo do Rosário num grande *point*, mas, para que isso aconteça, a gente tem que conseguir melhorar o acesso, tem que conseguir uma série de coisas e, assim, acaba sendo natural.

Onde você não tem uma ocupação produtiva, você tem uma ocupação negativa. Se você deixar o lugar abandonado, é natural que exista a ocupação por aqueles que não estão trabalhando para o desenvolvimento do bairro.

Então, eu acho que a gente precisa realmente pensar em soluções que nos permitam isso. A gente, como revista, sempre procurou defender o bairro e valorizar tudo o que a gente tem.

A gente valoriza tanto a história, que nós fizemos um livro dos Trezentos e Cinquenta Anos do bairro. E precisamos valorizar não só o nosso presente, mas se não construirmos nosso futuro, daqui a pouco, eu não vou conseguir ter 60 anos de registro, como o Geninho tem de jornal, pois vou morrer, seja como produto, seja como negócio. Eu vou acabar se não tiver empreendedores que anunciem para que consumidores comprem os produtos deles, eu acabo.

Então, assim, tenho de lutar pelo desenvolvimento do bairro e isso é tudo, ou seja, envolve o que ele colocou de estar preocupado com estacionamento, envolve o problema da locomoção, mas eu tenho de estar preocupado em me locomover não para ir para o Centro da cidade, porque eu quero trabalhar aqui do lado, quero morar perto, quero chegar rápido em casa, quero estar perto do Esportivo, quero estar perto das coisas, de uma praça perto da minha casa.

Afinal, se você não tiver quem vai usar a praça, para quê vai ter uma praça? Se você não tem quem vai consumir numa padaria boa, para quê o cara vai construir uma padaria boa? As coisas têm uma lógica, tem de estar entrosadas no processo todo. É isso que eu gostaria de colocar. Temos de pensar assim: todos nós, independente de classe social, educação, nível, de tudo isso, nós moramos no mesmo lugar e dividimos o mesmo espaço, precisamos, portanto coexistir, mesmo com todas as possíveis diferenças que tenhamos.

Por exemplo, o Flávio tem, e nós conversamos bastante, inclusive com o João, um trabalho muito legal, eu elogio muito o trabalho dele e isso é importante. Tem hora que a gente critica e reclama, acontece mesmo, mas temos de ser produtivos, todos nós temos de unir forças para que tudo melhore, e não um estar preocupado em puxar o tapete do outro, porque “minha reivindicação é mais importante que a do outro”. Acho que acima de todos nós está o lugar onde moramos e é isso que é importante que consigamos desenvolver. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) - Obrigado, Paulinho. Antes de anunciar o próximo orador, a quem peço já se dirigir aqui à frente, que é o Francisco de Assis Timóteo Leite,

obrigado, queria fazer dois anúncios. Primeiro, temos a presença de 210 pessoas, Vereador Gilson Barreto. Uma ótima reunião. Parabéns, Penha! Isso demonstra realmente o interesse das pessoas em melhorar nosso bairro. Parabéns a vocês, são 210 pessoas presentes.

Lembrei-me que tivemos uma conquista recente, com o Prefeito Ricardo Nunes e quero anunciar aqui: o Flávio levou-me recentemente num parque, ainda não é um parque, é uma nascente do córrego Ponte Rasa. Ele fica a um quilômetro da Arena do Corinthians, não é Flávio (Pausa), isso, um quilômetro, ali é Arthur Alvim. É um lugar muito legal, uma área enorme, e o Sr. Prefeito, inclusive, a nosso pedido, está desapropriando o local, porque parece que um pedaço da área é da SP Previ, se não me engano, que é do Estado, Vereador Gilson Barreto. E, com isso, será construído ali, um lindo parque, um grande parque. E como foi bem dito: precisamos de mais moradores, para isso tem de ter sim o desenvolvimento da região. Então fica anunciado aqui o lindo parque. Quando tiver mais informações, ou mesmo o projeto, eu passo para vocês.

Quem é o próximo, que eu até já anunciei? Francisco de Assis, mais conhecido por Chiquinho. Por favor, está aqui o microfone.

O SR. FRANCISCO DE ASSIS TIMÓTEO LEITE - Boa noite, desculpem minha voz, hoje ficamos o dia inteiro pedindo alimento no Pão de Açúcar, onde a gente arrecada de cem a 120 cestas básicas por mês. Assim atendemos a nossa comunidade, que é a de Maringá e adjacências.

Quero cumprimentar a Mesa, nosso Vereador Gilson Barreto, Vereador João Jorge, nosso Sub, que é gente fina, os seus funcionários que fazem com que estejamos aqui, porque é com eles que conversamos. Então quando vemos pessoas simples, da comunidade, participando dessa importante reunião, é para melhorar a região. Temos de vir, não dá para ser só eles. Porque o dia que isso aqui estiver vazio, eles não têm dor de cabeça..

Estão felizes porque está cheio, então é porque vão ter de trabalhar, porque vão atender a gente. Porque a gente sofreu muito, e sofre muito, com conversas políticas, algumas coisas que a gente passa. Mas, assim, as demandas não são niveladas. Os problemas também

não são nivelados. Sempre surge uma coisa nova.

Então, são várias reivindicações que em três minutos não dá para falar. Falando do que já passou - até o Gilson citou, justamente, a alça. Meu bairro é o último bairro da Vila Matilde, da Penha, na Vila Matilde, Jardim Maringá. Lá tem o acesso a Itaquera por cima do Aricanduva. Seria a alça, o viaduto ali. Isso foi um projeto aprovado com o conselho participativo há 8 anos. Estivemos lá e brigamos muito para fazerem porque tinham outras prioridades e a gente não foi atendido.

Mas a gente, como liderança, como comunidade, como participante lá, a gente participa de todos os conselhos. Quando não é um, é outro. Mas a gente procura participar de todos os conselhos para entender o que acontece nessa região e não foi feito esse trabalho. Porém, eles desalojaram as pessoas no final onde seria o viaduto. Essas pessoas se revoltaram com a gente. Então, olha como que é difícil você fazer um trabalho para agradar alguns e aí veja quantas pessoas a gente desagradou por apoiar um trabalho do governo que não saiu do papel.

E o outro é o tomógrafo. É assim que fala? Lá do Nhocuné. O Rotary cedeu esse tomógrafo para o Nhocuné, mas faz dois anos e meio que estamos aguardando a adaptação. Qualquer resposta para nós não nos convence. Aí teria que ter realmente o trabalho de adaptação senão aquilo enferruja e volta de novo, como já voltou outro, para a zona Sul.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Chiquinho.

O próximo orador é a Sra. Ângela Maria Calábria.

A SRA. ÂNGELA MARIA CALÁBRIA – Boa noite a todos.

Vou falar alternadamente. Talvez eu volte ao assunto, porque eu fui anotando várias coisas que falaram. O Armênio falou de adensamento e otimização da cidade e etc.

Eu queria falar sobre esses HISs, que estão sendo um transtorno para cidade, como todo mundo falou aqui. Não tem vaga e em um lote de pequeno de 10 por 40 se faz sem recuo um paredão de 10 metros, porque depois é que recua e ninguém recua nos 10 metros. O construtor faz três andares, quatro, até passa de 10. Isso deveria ser visto. Isso deveria ser visto

porque já é um paredão para os dois vizinhos de 10 m de altura que tira sol, faz vento e prejudica o outro morador e acha que deveria ter vaga para carro, sim, obrigatoriamente. Por quê? As pessoas compram essas unidades e acabam comprando carro ou tem carro mesmo e o carro fica na rua, fica parado na rua nas imediações.

Essa lei do HIS tem de ser mudada, tem de ter recuo desde lá de baixo, desde o térreo. Quando a pessoa pretende subir, então, é recuo, como eram todos os prédios antes. Agora, a Lei de Zoneamento foi arrefecendo, arrefecendo e de 50% de taxa de ocupação chegamos até 85%.

Então, não tem área verde. Ninguém deixa área verde, cimenta tudo. Antes era obrigatório plantar uma árvore em frente ao lote. Agora, não é mais. Não tem mais no projeto ou, mesmo que tenha, põe no projeto, mas não planta. Então, o pessoal fala em cidade sustentável, em área verde *etc.*, porém, na prática isso não acontece.

Outra coisa, Viaduto Aricanduva. Desde o nosso Plano Diretor de 2003, que formamos o FUSP, o Vereador Gilson participou. O relator eu acho que foi o Vereador Paulo Frange. Nós falamos que a nossa prioridade era a alça, a segunda pista do Viaduto Aricanduva. Ficou gravado nos anais de 2003. Está gravado. Tinha até a Promotoria Pública nas reuniões. Então, nós deixamos gravado. E nós estudamos muito os acessos para a Penha e saídas da Penha, e até hoje nada foi feito. Então, nós vemos que o Plano Diretor, esses planos diretores são para inglês ver, porque o Poder Público depois não age em favor da população.

Falou-se em desenvolvimento da Penha, Anália Franco. Na Penha, o pessoal acha que desenvolvimento é prédio. Eu já acho o contrário, porque é um equilíbrio entre tudo para que o morador possa morar bem, e esses prédios do HIS vieram para detonar a cidade. Não é só na Penha, mas em todo lugar há reclamações.

Só mais uma coisa. O patrimônio da Penha. Nós temos o Seminário da Penha. Nós fizemos abaixo-assinado. Desde o ano de 2003, ele é aventado, ele é discutido, mas está meio que comprometido para uma empresa construtora. Então, o patrimônio vai tudo para o chão, porque o negócio é dinheiro.

Tem de ser ouvida a cidade. Isso tem de ser levado em conta. Que se faça uma segunda, uma terceira reunião. Essas coisas são muito rápidas e não funcionam. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Se você quiser dar mais sugestões, pode ser por escrito. Obrigado.

Rosimeire de Oliveira.

A SRA. ROSIMEIRE DE OLIVEIRA – Boa noite.

É rapidinho. É questão de pressa, estão falando.

Eu moro na Carlos Meira. Perdi de vender o meu imóvel – e um monte de gente também -, por causa de construção acima de oito andares. Têm muitas casas aqui, pessoas que querem vender. Temos o direito de vender, porque não queremos mais ficar aqui. Eu não sou penhense. Eu gostava do bairro até dois mil e pouquinho, quando se encheu de favela, e nós não temos mais sossego. Tem gente boa em favela, em comunidade. Em qualquer lugar tem gente ruim: em casa, em prédio. Mas acontece que não temos sossego. No meio da favela, sabemos que tem gente boa, que sofre com bandidos e traficantes. Nós temos um inferno em nossa vida por aqui, que são os bailes funk. Ninguém dorme em final de semana. Tem um monte de predinhos e casinhas lindos e maravilhosos que são cortiços. Então, como você quer preservar, quer que as pessoas tenham um imóvel bonitinho, se não tem incentivo, se as casas estão invadidas? Aqui, mesmo, para baixo dessa comunidade, as três, quatro casas da esquina são invasões. Quer dizer, isso não é legal. Entendemos que as pessoas precisam ter moradia. Todo mundo sofre. Mas precisa rever.

Outra coisa, trânsito. O que adianta você colocar faixa de ônibus exclusiva se você não tem fiscalização? Colocaram aqui, na Carlos Meira. Os carros ficam ali, das 6h às 9h, o trânsito é um inferno, sobe a Gabriela Mistral, muitos vão pela contramão na Mário de Castro, não há respeito. Quer dizer, cadê fiscalização, só vi duas vezes na vida um carro passando ali. A bendita Padre Benedito de Camargo, desde quando colocaram faixa exclusiva de ônibus, eu cansei de fazer reclamação, das 5h às 8h não se pode estacionar, está cheio de carro ali. Fui lá fazer compras, falei, vou chegar no horário da reunião, não dava, não tinha condições, está tudo

travado, por quê? Deixaram agora, a questão de viadutos, porque se deixa fazer moradia embaixo de viaduto, para tocar fogo, para depois a gente ter esse inferno. Vai ali embaixo também do Aricanduva, margeando ali no final da Celso Garcia, quando se vai lá para a Guaiaúna, aquela comunidade ali, quantas vezes já pegou fogo. Ninguém passa quase ali, ônibus não passa, cheio de lixo.

As pessoas precisam ter assistência sim, mas o Poder Público tem que atuar, porque quem depende de trânsito, é ônibus, caminhão, que raio seja, temos o direito de ir e vir sem ter pessoas com aquele monte de lixo, que é uma coisa medonha. E além disso, emporcalha o rio, jogam sujeira, se você passar ali na beira, é um monte de coisa suja. Tudo o que se ganha, muitas vezes vai para lá. Quer dizer, falta fiscalização da CET, onde se implanta tem que ter fiscalização. Na Mário de Castro, eu fiz um pedido há “trocentos” anos para a CET, fizeram que era contramão, o pessoal não quer esperar aqui, vão todos ali na Mário de Castro. Fizeram uma floreira que virou piada, porque o correto é a mão que vem de lá, você fazer uma curva para entrar aqui. Fizeram uma floreirinha só para enfeitar, as pessoas continuam desviando e continuam na contramão.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Rosemeire. O último orador inscrito, Johnny Soares, do Tiquatirão, Panelão do Norte, fazer propaganda, ele faz comida boa. Johnny, faz uso da palavra, depois vamos passar para a Mesa rapidinho, para encerrar com a palavra do Presidente da Associação Comercial e o Flávio Sol, e encerramos. Só dizer a todos que fizeram uso da palavra, Johnny, me desculpe, que tudo está sendo gravado, registrado, escrito, será analisado, com certeza absoluta, podemos não resolver tudo, mas tudo será encaminhado. Por favor, Johnny.

O SR. JOHNNY SOARES – Boa noite a todos, a essa Mesa maravilhosa, Roberto, Gilson, Vereadora, João Jorge, meu amigo de infância, Flávio Sol, vizinhos e essa plateia maravilhosa. Bom, se é a sua primeira vez aqui, João, agradecemos muito, você realmente, pelo fato dessa audiência, da sua primeira ser aqui na Penha, acho que é muito importante.

Eu sou comerciante na Penha, sou nascido e criado, no Hospital da Penha, respeito muito a opinião de algumas pessoas bem mais velhas do que eu, são penhenses. Só que assim, eu acredito na Penha. A Penha tem que se desenvolver, tanto é que não vou buscar comércio em outros lugares. Eu tenho na Abel Ferreira também, lá no Tatuapé, mas eu poderia ir para a zona Sul, para a zona Norte, mas eu gosto da Penha. Eu montei uma casa, agora, recentemente, chamada Quintal dos Arcos, na Tiquatira, maravilhosa.

Então, assim, penso que o Poder Público, no caso, os Vereadores, têm que batalhar para isso, para que a gente possa mudar, possa construir prédios sim, é um desenvolvimento. Temos que realmente trazer esses prédios para cá. Hoje, a questão do zoneamento da Penha, imaginem vocês, só podemos construir uma vez. O terreno de cada pessoa, hoje, o importante, desculpem alguns construtores, é a questão do HIS. A Penha está repleta, é campeã de HIS em São Paulo. Olha que coisa boa, eu acho bacana, tudo bem, todo mundo tem que ganhar o seu dinheiro, mas a gente tem que zelar pela Penha, isso é importante, entendeu. A questão que as pessoas falam das comunidades, o Poder Público também vai tomar conta disso, mas o desenvolvimento que faz com que isso mude.

Agora, quem não for a favor disso, sinto muito. Não adianta ficar criticando, falando que isso e aquilo, não adianta. Não adianta. Eu sou um penhense de coração, hoje eu só durmo na Mooca, mas eu passo o dia todo aqui na Penha, porque eu gosto daqui, eu preciso ver isso aqui desenvolvido. E isso está nas mãos dos Vereadores, que vão poder nos ajudar muito.

E você, João, eu acredito muito no seu trabalho, junto com o Flávio Sol como subprefeito na Penha.

É importante. É uma oportunidade única que estamos tendo hoje de ter essa audiência na Penha, porque muitas audiências aconteceram. Muitas. Mas sabe o que aconteceu? Não houve grandes mudanças. Parece que era alguma coisa que já estava pré-estipulada. E a Penha tem que ser diferente.

A Penha, você vê, a questão da Vila Matilde se desenvolvendo. É a questão do metrô? É. Nós temos impedimento de construir prédios, porque nós dependemos do metrô; e

tem a questão também do corredor.

Peço humildemente aos nossos Vereadores, ao Subprefeito, que olhe com atenção para a Penha; tenham esse carinho, como eu tenho.

Eu já participei de algumas situações, mas tudo voltado para a Penha. Gosto desse lugar. E a maioria está aqui porque ama esse local. E cada um tem a obrigação e a necessidade de ir até os nossos Vereadores e cobrar por isso. Vai ser muito importante.

Obrigado pela atenção. Boa noite.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Eu acho que o debate é válido. Esta é uma tribuna: fala quem é contra, quem é a favor, quem quer de um jeito, quem quer de outro. Depois, nós vamos fazer a média disso, não é, Gilson? Cabe a nós, depois, votarmos. É por isso que eu pedi ajuda.

Muito obrigado, Marquinhos – Marquinhos veio aqui representando a presidência da Câmara. Depois eu quero te apresentar o Cléber, para conversar um pouco.

É muito importante o que está acontecendo aqui hoje. É realmente histórico.

Eu vou passar ao Flávio Sol.

Não precisa responder todas as reivindicações, o importante é você ter anotado tudo.

Roberto, você fala um minutinho depois do Flávio? E aí eu faço o encerramento.

Gilson, você ainda quer fazer uso da palavra? (Pausa) Não.

Secretário, quer fazer uso da palavra ainda? (Pausa) Não.

Passo a palavra ao Flávio; em seguida, encerramos.

O SR. FLÁVIO SOL – Boa noite a todos.

Está no intervalo do jogo, e o Corinthians não está perdendo ainda. Isso é um bom sinal. Mas é como o Vereador disse: aqui é democrático, escutamos todo mundo.

Igual o Johnny acabou de falar, nós gostamos daqui, gostamos de onde nascemos, de onde moramos. Fico feliz com as pessoas que hoje empregam a galera aqui. Fico muito feliz. A Subprefeitura está de portas abertas, Secretário.

Temos uma máquina na mão, que é a subprefeitura; e temos que tomar o maior

cuidado do mundo para fazer alguma ação fiscal, alguma ação que aconteça algo de ruim para as empresas. Vimos de pós-pandemia. Para quem é comerciante, a Prefeitura fez as calçadas na porta de vocês. Então, temos de tomar muito cuidado com qualquer ação que a Prefeitura faça.

Eu, hoje, graças a Deus, como subprefeito, posso contar com dois amigos que eu tenho. E eu falo que são dois amigos meus, porque frequentam a minha casa: o Vereador Gilson Barreto, que é um craque maravilhoso, e o João Jorge, dois Vereadores que brigam pela Penha. Então, eu tenho um respaldo muito grande.

Eu não falei para o João e nem para o Gilson, mas o Prefeito Ricardo Nunes mandou um abraço para todo mundo. Sexta-feira, o Prefeito vai estar na Penha.

Acho que ninguém sabia, Vereador Gilson, mas o Prefeito Ricardo Nunes vem, quer visitar algumas obras, quer saber o que nós estamos fazendo contra enchente no bairro, quer saber como que estamos tratando, depois desse incêndio, esse ir e vir da população – que eu vou explicar muito rapidamente. E ele vai estar aqui na sexta-feira.

Depois, eu faço convite oficial para todos – Secretário e chefe, que é um cara que eu também admiro.

Gente, muito rápido.

Hoje, a nossa região, contando com esses parceiros que estão aqui do lado, nós... A Subprefeitura vem de gestões em gestões.

Eu acho que, como o Johnny disse, que teve uma audiência pública, eu venho há dois anos – a partir de uma reunião que nós tivemos no Esportivo da Penha, lá, estavam acredito todos, e a gente vem batalhando para que esta audiência pública acontecesse.

Quando o João Jorge falou para mim: “Flávio, iremos fazer audiência pública na Penha”. Eu fiquei muito feliz. Vamos colher frutos disso. Na verdade, a gente vai entrar em um entendimento de todas as partes. A ideia maior é que a Penha tenha um desenvolvimento, e ela progrida. É isso que eu, como Subprefeito, desejo.

Pequenas ações que a subprefeitura faz de tirar a contramão da Amador Bueno da

Veiga, para que as pessoas cheguem no centro da Penha; colocar um posto policial no centro da Penha. Então, são algumas ações que a Prefeitura faz em conjunto com o governo do estado, com a Câmara Municipal, com as Secretarias, que a gente já vê algum resultado. Mas isso é suficiente? Não, não é suficiente.

Eu até falei para algumas pessoas: “eu recebi uma ligação do dono do Quintal do Espeto”. É um dos melhores bares que tem em São Paulo. Logicamente, para quem gosta. Ele falou: “Flávio, eu gostaria muito de colocar um Quintal do Espeto na Penha”, porque ele enxerga um progresso da nossa região. Se ele, que está de fora, enxerga, imagine para nós que estamos aqui.

Para quem mora na Penha, nós estamos com alguma dificuldade no ir e vir; primeiro, por causa da obra do metrô para quem mora na região baixa perto do metrô a CET colocou mão única, colocou contramão. Isso é provisório, tá bom? Logo, as mãos voltam e o ir e vir das pessoas volta ao fluxo normal.

Essa ponte que está interditada: só pelos estudos do engenheiro, acredito que mais uma semana, viu, Vereadores, dando satisfação aos dois. Mais uma semana, a gente libera. Eu já pedi para o Secretário de Obras liberar carros leves, porque o Secretário falou que iria demorar um pouco para vir. Justamente, chegou um pouco tarde, por causa disso.

“Flávio, mas tem necessidade?” Tem. Tem necessidade de interditar a ponte.

Então, acredito que o Secretário, agora, vai fazer uma nova avaliação, e, na semana que vem, ele libera a ponte.

Gente, como o Vereador disse, só assunto que você fez: nós estamos implantando um novo parque. Hoje, todo mundo conhece a Tiquatira; a Gamelinha; Rincão. Então, nós e a Câmara Municipal estamos implantando mais um parque verde com pesqueiro. Isso é muito importante.

E respondo várias perguntas que as pessoas me fizeram antes como é que a gente trata o verde: a gente planta muita árvore, planta muita árvore, então, a compensação disso, nós temos o CADS, vi que a Maria do Céu está aí, e a gente dá uma resposta direta a eles, tá bom?

Tudo que vocês tiverem de dúvidas sobre o que a Prefeitura está fazendo podem perguntar para mim ou para todo mundo que trabalha na subprefeitura. Depois, o Vereador vai apresentar todos, não só ao gabinete dele, ao gabinete da Sub e a nossa TV Cultura que está televisionando para nós.

Gente, eu queria, conluo, João, agradecendo a audiência pública; ao Roberto que cedeu a área para nós; eu acho que é um momento ímpar para nós. É a primeira de quantas, João? Então, é a única. Daqui, a gente vai sair com as propostas. “Flávio, está fechado?”. Não, não está fechado. A subprefeitura está à disposição de vocês. Como eu digo: à disposição do Secretário; à disposição da Câmara Municipal, e o que vocês quiserem nós estamos à disposição.

Fiquem com Deus.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Um agradecimento a duas presenças: o representante do Juventus, meu amigo Índio Despachante. Esse cara manda no Juventus, moleque travesso. Também chegou o Trovão, que é Presidente mundial do Moto Clube Abutre's, parceiro que sempre nos ajuda em ações sociais. Parabéns.

E agora um agradecimento especial ao meu gabinete. Veio tanta gente. Tudo saiu direitinho. Obrigado, Marilza, Fatima, pelo nosso gabinete; e ao Flávio Sol, que designou a equipe da Subprefeitura. Não vou citar todos, porque é muita gente. Muito obrigado a todos vocês pela colaboração.

O Roberto vai dar uma palavra e, depois, eu volto para encerrar.

O SR. ROBERTO PIRES – Primeiro, quero agradecer a todos; ao Flávio, que fez com que todo esse evento acontecesse; e ao Vereador João Jorge.

Vereador, é importante para nós, enquanto casa, enquanto Associação Comercial, vivermos essa dinâmica, que é o nosso compromisso. É um chamado nosso, como Associação Comercial, trazer a sociedade para discutir sobre a necessidade da sociedade local, dentro das nossas distritais. É até um apelo do nosso presidente. Então deixo um abraço aqui do Ordine, o

nosso Presidente, que não compareceu por outras atividades, na sede da Boa Vista.

E quero deixar uma mensagem, o mais gostoso, temos pessoas de longe. Tem pessoas da Mooca, do Juventus, mas o mais importante é entender que quando falamos de Penha, ela não fica apenas na Penha de França. Ela vai para a Vila Matilde, vai para Artur Alvim, para Cangaíba. Então é entender e eu achei extraordinárias as falas lá do Cangaíba. O pessoal estar aqui é importante. Quando eu falo da distrital, falo: gente, precisa mudar o nome da distrital, lá na sede. Por quê? Penha fica muito bairrista, e o pessoal do Cangaíba: ah, mas eu quero uma distrital lá. Não, nós estamos aqui para atender toda uma sociedade que tem em torno de 400, 450 mil pessoas, porque ainda perdi a Cidade Líder, senão seriam 650.

Mas o mais importante é a gente entender que essa diversidade de ações que podemos promover na nossa região cria sim, de forma econômica, um bem-estar para todos. O Picone colocou muito bem, e o Paulo reproduziu. Nós precisamos entender que temos que ter classe A, B, C e D, porque senão não tem emprego, a A vai embora e não tem comércio. Não tem como trabalhar, não tem como ganhar dinheiro e nem como produzir um bairro pujante que era, nós fomos. Nós fomos o centro de todo o comércio da zona Leste, quando o Shopping Penha era apenas uma passagem das pessoas da zona Leste. Quando era um bolsão de ônibus, todo mundo parava aqui e tinha que esperar duas horas para pegar o próximo ônibus, fazia toda a sua compra aqui.

O nosso *ticket* médio, daí vamos para o comércio, é o maior de muitos outros lugares. Você pega o Outback, demorou três anos de conquista para trazê-lo e eles estão dando risada sozinhos, porque o nosso *ticket*, em média, é alto. O nosso *ticket* médio é melhor do que do Tatuapé. Sabe o que é isso? É que as nossas compras, quando uma pessoa vai consumir, ela consome muito mais do que uma pessoa do Tatuapé, no mesmo produto. Isso é *ticket* médio.

Nós temos potencial, mas nós temos que perder esse discurso de que tem sempre que prevalecer a minha vontade. Gosto de brincar que, quando eu era moleque, eu arrumei uma namoradinha no Play Center. E ela perguntou assim: onde você mora? Eu moro na Penha. Eu fiquei todo feliz, porque eu ia pegar um ônibus e deixar ela em casa. Ela morava na Vila União,

que é Penha. A Vila União é subdistrito da Penha. Está na divisa já com A.E. Carvalho. Pensei, nossa, vou ter uma viagem de uma hora com isso, mas as pessoas se reconhecem.

E é importante falarmos, somos o Cangaíba, somos a Vila Matilde, mas é importante entender que a região a qual pertencemos tem que crescer por igual, na sua diversidade, na sua diferença. Então vamos parar de discutir se nós temos que manter só a cultura ou só o desenvolvimento. É a cultura com o desenvolvimento. A cidade já nos ensinou isso. A Mooca nos ensinou isso, quando havia o tombamento que proibia a construção de vários imóveis e hoje tem lá uma torre bonita, vistosa, do Açúcar União, e um monte de apartamentos, prédios de cinco andares de alto padrão. Prédios que trouxeram pessoas que têm capacidade econômica de gastar e contratar. É isso que precisamos na região.

Vamos parar com a nossa mesquinhez e pensar só naquilo que estamos enxergando, para poder ver muito mais daquilo que podemos fazer juntos.

As comunidades têm a sua pertença no local, aí depende do Poder Público para trazer dignidade na habitação. É diferente.

Flavio, quero deixar um pedido de modificação no Plano Diretor, para termos acessibilidade no nosso bairro. Secretário, eu deixei um esboço de um engenheiro nosso, da casa, que entende muito bem de viário para ser apreciado e ver se é possível fazer dois tabuleiros de entrada e saída, mediante o trabalho que já está acontecendo com o metrô.

Já levei e entreguei na mão do Kassab também, porque fui no estado pedir. Deixo na mão do município para pedir que seja apreciado, de repente, pode ser não viável. Mas seria uma forma até de tirar o estrangulamento que temos no acesso onde a Radial se encontra com o Viaduto Badra.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Converse com o Secretário depois.

O SR. ROBERTO PIRES - Depois a gente conversa. João, deixo o meu agradecimento a todos na pessoa do Vereador. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado.

Pessoal, o arquiteto Marquinhos veio representar o Presidente da Câmara, o

Vereador Milton Leite. Ele tem um papel importantíssimo no avanço das questões que foram levantadas aqui. Pedi para ele um rápido comentário sobre a nossa audiência, o que ele acha que é possível encaminhar rapidamente, outras coisas que precisam de leis. Eu, como Vereador e o Gilson estamos à disposição para encaminhar o que for preciso. Por favor, Marquinhos.

O SR. MARCOS GUSMÃO MATHEUS - Boa noite a todos, boa noite à mesa. A grande maioria dos comentários já estão sendo tratados, após o envio do PDE e do Zoneamento que vão acontecer simultaneamente, neste primeiro semestre.

A ideia é que o contexto da cidade entre moradia e comércio sejam contínuos. Teremos a grande quantidade da cidade sendo continuamente alterada sem a mudança completa em função de ser uma revisão, mas pensando que os grandes empreendimentos precisam acontecer sempre respeitando as questões dos tombamentos que envolvem, principalmente, no caso da Penha, a parte do centro da Penha, onde a altura tem uma influência muito grande.

Essa é uma questão que o PDE não consegue resolver, mas que pode ser trabalhada num outro momento com o Conpresp e com o Condephaat para que isso seja revisto. Assim como o afastamento com relação ao largo sejam revistos e possam ter um desenvolvimento maior.

Entretanto, os empreendimentos precisam ter as fachadas ativas, precisam ter as fruições públicas para que o comércio possa acontecer junto com as moradias.

A Câmara está à disposição, continua recebendo diariamente novas ideias e os textos vão ser revistos até o final das audiências públicas com as votações marcadas para os próximos meses.

Acho que é isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Obrigado, Marquinhos. Valeu.

Pessoal, eu tenho uma característica que é a da persistência. Quem me conhece sabe quão persistente eu sou. Não desisto facilmente, não. Corro atrás aquilo que tem de ser resolvido, aquilo que quero. Eu me lembro de uma reunião, já faz um ano, você nos levou um dia

o clube e trouxe, falou que a gente não pode pensar na Penha só.

Eu pego no pé do Flavio, o bairro pega no pé dele, o Prefeito, o Secretário Modonezi também, para que a zeladoria seja a melhor possível, que é o tapa buraco, recapeamento.

Eu ganhei a primeira eleição em 2016, no começo de 2017, visitei o Vice-Prefeito e Secretário das Subprefeituras Bruno Covas. Levei uma lista de ruas da zona Leste para serem recapeadas.

Claro que levei da Mooca, do Tatuapé, lembro de algumas daqui, da Tiquatira, da Avenida Cangaíba, de São Miguel, da Amador Bueno da Veiga, Gabriela Mistral também, Assis Ribeiro, acho que foi uma das primeiras.

A gente queria recapear a cidade inteira, mas demora, são 17 mil quilômetros de vias. Dá para ir daqui a Tóquio. Demora muito tempo para recapear tudo, as opções vão sendo feitas diante das que são mais utilizadas, aquelas que passam ônibus.

A gente pede muita zeladoria, cuidado com a zeladoria. Temos resolvido a questão das enchentes com investimentos. O Gilson tem dado uma força muito grande.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (João Jorge) – Multa por entulho. Vocês acreditam que tem gente que faz construção civil e joga entulho, restos da construção na rua, na guia, no meio fio. Depois vem a chuva entope tudo. Aumentamos a multa de R\$ 500,00 para R\$ 25.000,00. É só fazer a coisa certa que não vai ser multado. Tudo está sendo feito em obras na área de enchentes.

Tem muita coisa sendo feita. Estamos trazendo para cá o resultado de uma luta. Eu venho da EMTU, do transporte público. Uma vez por semana, faço discurso na Câmara sobre o BRT. O Prefeito Ricardo Nunes topou a parada. Eu não tinha conseguido com o Doria, porque ele tinha um projeto muito rápido, esse era demorado. Não consegui com o Prefeito Bruno Covas, porque não tinha recursos, naquele momento.

Com o Prefeito Ricardo Nunes, numa parceria com o Governador João Doria, conseguimos o recurso para fazer o BRT, mas quem vai acabar pagando agora é o Governador

Tarcísio.

O BRT são aqueles corredores de ônibus enormes, bonitos, iguais aos de Curitiba. O melhor transporte público do país é o de Curitiba. Vamos fazer assim na Radial Leste, agora está no Tribunal de Contas. O processo licitatório feito dá no entroncamento com a Aricanduva, sai um para a região do Gilson, em São Mateus.

A gente está fazendo de tudo para melhorar o transporte na região, que é a minha área.

A zeladoria, ótimo; transporte, ótimo; mas o bairro tem que se desenvolver, a gente entende que tem que resolver. É lógico que ninguém quer acabar com patrimônio cultural. Alguém citou a Itália, tem toda razão. A Itália aprendeu a conviver com o patrimônio histórico e com o desenvolvimento. Há lugares na cidade de São Paulo que também aprendeu a conviver e convive muito bem com o patrimônio histórico e com o desenvolvimento.

A gente entende a história da Penha e sabe que o bairro cresceu. Li muito sobre a história da Penha que trata de temas como a religiosidade, as igrejas, a igreja Católica. Ótimo, tem de ser preservado, tombado, mas tem de ser analisado o que pode ser feito para que a Penha se desenvolva.

Eu disse no começo, não sei se você estava aqui, Secretário Armênio, a gente vê o Tatuapé, o Anália Franco, o Carrão se desenvolvendo. Até Itaquera que está mais distante um pouco e Vila Prudente também se desenvolvendo. Mas a Penha parou, realmente. Por isso, estamos fazendo esta reunião hoje.

Eu tenho mais um ano e meio de mandato. Não vamos resolver esse assunto em um ano e meio. Não se resolve isso assim. A gente dá o pontapé inicial e começa a fazer. O pontapé inicial está dado com vocês que estão aqui hoje.

Garanto que este é um momento histórico, muitos de nós veremos a Penha como é, hoje, o Tatuapé que está se desenvolvendo, crescendo, gerando empregos, riquezas, bares, restaurantes, escolas. Vida, vida mesmo, como precisa ter.

Podem contar com o meu empenho, com o do Vereador Gilson Barreto. Eu falei com

o Prefeito, com o Milton Leite, Presidente da Câmara, e disse que iríamos precisar dele nesse caso. Por isso, ele pediu para que o Marquinhos viesse.

Os passos estão sendo dados. Podem contar comigo, com o Gilson. O trabalho vai ser feito para que a Penha seja um bairro maior do que já foi, quando teve uma importância gigante no passado. Podem acreditar, por estar tão bem localizada, a Penha hoje é um bairro central da zona Leste que conta com 4 milhões de habitantes.

A gente não pode ver a zona Sul e zona Oeste crescendo, a zona Norte tão elogiada, e a zona Leste ficando para trás. Não vai ficar. Contem sempre comigo.

Nada mais havendo a tratar, dou por encerrada a presente audiência pública.

Muito obrigado. (Palmas)
